

CONCEPÇÕES DE GÊNERO DAS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Aline Maria de Souza Florencio¹ Girlane Rodrigues da Luz²

¹ Estudante do curso de Pedagogia- *Universidade Federal de Pernambuco* -
alinemariaflorencio@gmail.com

² Estudante do curso de Pedagogia- *Universidade Federal de Pernambuco* -
girlane.rodrigues.23@outlook.com

RESUMO

O presente artigo se dispôs a analisar as concepções de gênero das estudantes de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, reconhecendo que apesar de o curso estar, historicamente, composto em sua maioria por mulheres, há uma lacuna quando falamos sobre gênero em nosso espaço de formação acadêmica. Para tal, aplicamos inicialmente questionários em turmas do 8º, 9º e 10º períodos dos três turnos e posteriormente realizamos entrevista semiestruturada com as estudantes durante o primeiro semestre de 2016. Como aporte teórico, utilizamo-nos das contribuições de Freire (2012); Louro (2010); Scott (1995); Veiga Neto (1995) e Silva (2000). Os dados obtidos na pesquisa apontam que as estudantes de pedagogia compreendem o gênero como uma das dimensões que compõem a identidade dos indivíduos, expressando que as diferenças que existem na sociedade são demarcadas, de certa forma, pelas relações de poder determinando os papéis sociais que cada indivíduo deveria desempenhar.

PALAVRAS CHAVE: Relações de Gênero, Educação, Pedagogia.

Introdução

Ao longo da nossa vivência no âmbito acadêmico na Universidade Federal de Pernambuco, levantamos alguns questionamentos em relação aos desafios encontrados pelas mulheres/estudantes para a conclusão do curso, surgindo também inquietações vinculadas aos gêneros que compõem o magistério. Tais questionamentos se iniciaram juntamente com as nossas experiências de formação docente, atreladas as nossas observações dos modos de vida de homens e mulheres, bem como a nossa inserção na literatura da área.

O imaginário social brasileiro durante anos naturalizou o espaço da mulher como sendo único e exclusivamente doméstico, algo que apesar dos anos, ainda vem sendo defendido por parte dos sujeitos sociais. Nesse sentido, alguns estudos realizados no século XIX validaram a suposta inferioridade feminina, respaldados em um conceito biológico, segundo o qual a mulher seria responsável apenas pela reprodução da espécie e da ideologia patriarcal, sendo apresentada como “ser desprovido de inteligência” e dependente da “proteção” da figura masculina. Enquanto que aos homens cabia o espaço da produção, o espaço público, onde perpassavam suas concepções

ideologicamente cristalizadas, que deveriam ser seguidas, criando barreiras entre o feminino e o masculino, gerando antagonismos entre os gêneros. (FREIRE, 2012, p.42).

Partindo dessa questão, nossa temática foi se desenvolvendo a partir de um interesse comum das autoras, reconhecendo que apesar do curso de pedagogia estar, historicamente, composto em sua maioria por mulheres, há uma lacuna quando falamos sobre gênero em nosso espaço de formação acadêmica, visto que identificamos na prática diária, discursos estereotipados construídos socialmente em relação aos gêneros, mais especificamente, às mulheres, através dos quais se propagam ideias até certo ponto distorcidas, que poderiam levar à banalização de todo um processo de luta pela igualdade de direitos. Desta maneira, o artigo tem como ponto central compreender as concepções de gênero das estudantes de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo se insere numa abordagem qualitativa que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2007, p. 21). Assim nosso campo de estudo foi a Universidade Federal de Pernambuco-Campus Recife, no Centro de Educação com estudantes dos três turnos (manhã, tarde e noite), do Curso de Pedagogia. Os sujeitos da pesquisa foram estudantes mulheres matriculadas nos períodos finais do curso (8º, 9º e 10º).

Destacamos que a escolha por estudantes concluintes ocorreu, pois tal grupo já vivenciou diversas situações nas quais as relações de gênero puderam interferir de alguma forma em seu processo de aprendizagem na academia e no seu percurso de formação, já a preferência por participantes mulheres, surgiu pelo fato do curso de pedagogia ser, historicamente, composto em sua maioria por um público feminino.

Na primeira fase aplicamos um questionário composto por uma pergunta sobre gênero/relações de gênero, onde as estudantes puderam expressar sua compreensão sobre o tema e sinalizar a disponibilidade/interesse em participar da segunda fase da coleta de dados através de uma entrevista semiestruturada.

A utilização e escolha da entrevista como procedimento de coleta dos dados, decorreu por sua condição flexível, possibilitando um aprofundamento da relação entre as pesquisadoras e as entrevistadas e permitindo as adaptações necessárias durante o percurso metodológico. Para Minayo (2007), a entrevista constitui uma conversa com

finalidade, uma forma privilegiada de interação social que oferece ao pesquisador (a) a oportunidade de se aproximar do universo de significações do entrevistado (a) para melhor compreender o seu objeto de estudo. A autora caracteriza a entrevista semiestruturada como aquela que “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. (MINAYO, 2007, p. 64).

Sendo assim foi possível que as participantes aprofundassem sua compreensão sobre o conteúdo.⁸¹ (oitenta e uma) estudantes responderam o questionário,³⁴ (trinta e quatro) se disponibilizaram a participar da segunda fase da pesquisa, onde conseguimos contato efetivo para realização das entrevistas com 18 (dezoito). Para a organização dos dados, as participantes tiveram suas falas referenciadas na sequência: Estudante (E), seguida de um número de ordem (1, 2, 3...); do período (8º, 9º ou 10º) e do turno (M, T ou N). As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade de cada estudante. Entramos em contato através de aplicativo de mensagens e marcamos dia e horário para a coleta dos dados. Todas as participantes concordaram com a gravação das conversas.

Os questionários foram agrupados, após leituras, em 5 (cinco) categorias). Já as entrevistas foram transcritas, mapeadas e organizadas em sub-temáticas relacionadas diretamente com o objetivo do estudo.

CONCEPÇÕES DE GÊNERO DAS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

À medida que analisamos as respostas dos questionários e entrevistas identificamos cinco categorias que emergiram das falas das estudantes relacionadas às suas concepções de gênero, a saber: identidade, sexualidade, relações de poder, diferença e aspectos biológicos.

Após as leituras, percebemos que a maioria das estudantes compreende o gênero como uma das dimensões que compõem a identidade dos indivíduos:

Gênero é o modo tal qual você se identifica, mulher pode se identificar e agir como o gênero masculino ou o homem também pode se identificar e agir conforme o gênero feminino. (E17. 9 M).

Acredito compreender sobre gênero como uma questão de identidade. Questões de relações sociais. (E4.10M).

Gênero, pelo o que li, consigo compreender que consiste em uma identidade do ser homem ou ser mulher de forma cultural e social, a partir da construção de significados sobre feminino e masculino também. (E16.10N).

Gênero é a identidade adotada pelo indivíduo independente de órgãos sexuais (E9. 10N).

As respostas supracitadas foram fornecidas no questionário. Observamos que apesar de algumas estudantes optarem por não aprofundar sua resposta, outras exploraram de forma mais clara sua concepção de gênero:

[...] pra mim gênero é isso ... a construção de uma identidade, independente de sexo, se nasceu realmente homem, ou se nasceu realmente mulher, sei lá se a menina se acha menino[...]. (E9. 10N).

Consideramos que a discussão em torno da identidade se torna ainda mais complexa quando somada a outras características pessoais e sociais dos indivíduos, como a identidade de gênero. A identidade de gênero não se reduz a características biológicas, uma pessoa que nasce com um determinado órgão sexual não necessariamente se identificará como pertencente a este ou aquele gênero. Envolve algo mais amplo, a identidade é construída a partir das relações sociais, das identificações, dos valores internalizados em nosso meio. Nessa perspectiva, Louro (2010) salienta que as identidades estão sempre em construção, elas são mutáveis e suscetíveis a transformações ao longo da vida das pessoas.

Contrapondo-se a questão do gênero enquanto construção identitária forjada nas relações sociais, algumas estudantes concebem gênero como uma questão intimamente ligada ao campo biológico, essa concepção de que a diferenças entre homens e mulheres decorrem dessa distinção indicaria que cada um já nasce com um papel definido pelo sexo biológico, que deve ser desempenhado na sociedade reforçando as desigualdades entre os indivíduos:

Gênero para mim é o que define o sexo da pessoa feminino ou masculino. (E24. 8N).

[..]Gênero é homem e mulher, fulano nasceu homem fulaninha nasceu mulher, relacionada a questão anatômica do corpo entendeu?[..] só existe macho e fêmea, então é isso que eu tenho como gênero, minha concepção é essa. (E13. 10M).

Nas falas dessas estudantes encontramos não apenas a compreensão de que os gêneros estariam determinados pelos sexos, tal como argumentara o paradigma naturalista vigente na primeira metade do século XX, como o entendimento de que as identidades se constituem como essência, seriam fixas e dispostas em pares binários.

Nesse sentido, a exemplo do paradigma naturalista, responsável pela crença de que as diferenças entre mulheres e homens eram definidas pelo sexo biológico (FREIRE, 2012), entendemos ser necessário questionar os binarismos homem/ mulher, masculino/feminino, dominação/submissão, heterossexual/homossexual entre outros, e viabilizar a construção de um pensamento que respeite as diferentes formas que as masculinidades e feminilidades assumem, bem como as formas como são constituídas socialmente e estão ligadas ao campo da sexualidade.

Um número expressivo de estudantes relacionou o gênero à sexualidade. A estudante E16.10N quando questionada na entrevista acerca da sua compreensão de gênero nos forneceu outro elemento que não apareceu na sua resposta do questionário, a concepção de gênero estreitamente ligada à sexualidade:

[...]o gênero é muito mais uma construção da sociedade. [...] discutir gênero envolve a questão da sexualidade, até por esse padrão, essa imagem que se espera de ser mulher e ser homem, esperam uma determinada imagem que vai se diferenciar, por exemplo, uma mulher heterossexual se espera uma coisa, e uma mulher lésbica vai se diferenciar totalmente daquele tipo de imagem que se espera, assim como homem também hétero e gay. (E16. 10 N).

Quando penso em relações de gênero, logo me vem à cabeça os vários tipos de opções sexuais e de relacionamentos, bem como, mulher x mulher, mulher x homem, homem x homem. (E3. 8N).

Para Louro (2011) gênero e sexualidade se aproximam a partir do momento que reconhecemos que ambos são culturalmente construídos, e podem assumir diferentes feições em determinadas culturas e momentos históricos. Neste sentido “aprendemos a ser um sujeito do gênero feminino ou masculino, aprendemos a ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, a expressar nossos desejos através de determinados comportamentos, gestos” (LOURO, 2011 p. 64).

Nessa perspectiva, é necessário destacar que os sentidos atribuídos aos gêneros e às sexualidades são demarcados pelas relações de poder que contribuem para a criação de estruturas hierárquicas e que historicamente parecem conferir à figura masculina um lugar de superioridade. Ao discutir as relações de poder com base

nos estudos de Foucault, Veiga Neto (1995, p. 29) afirma que “o poder se manifesta como resultado da vontade que cada uma tem de atuar sobre a ação alheia”. O poder seria, nesse caso, ação sobre ações. Essa discussão nos remete à reflexão sobre as diferenças sociais e culturais e à forma como estas geram relações de poder assimétricas, que interferem na produção das identidades.

Silva (2000) comenta que indivíduos possuem identidades múltiplas e que as mesmas estão em constante reconfiguração a partir das experiências vivenciadas pelas pessoas e nas quais as diferenças vão sendo exteriorizadas. Para o autor, a diferença pode ser

construída negativamente – por meio da exclusão e da marginalização daquelas pessoas que são definidos como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade [...], sendo vista como enriquecedora é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença. (SILVA, 2000, p.50).

Para Scott (1995), tais estruturas estão apoiadas em concepções generalizantes de masculino e de feminino e na crença de que o modelo se constitui como essência. Sobre as relações de poder e a constituição das diferenças, as estudantes ressaltam que:

Relação entre gênero são os significados passados culturalmente na família e sociedade e que de certo modo faz prevalecer o gênero dominante ao dominado (E13.9T).

[...] envolve a necessidade de respeito a cada tipo de diferença que existem em nossa sociedade (E18. 9T).

[..] embora a “sociedade” insista em afirmar que hoje em dia homem e mulher têm direitos iguais, nós sabemos que essa é uma afirmação infeliz e que nós estamos constantemente lutando em busca de nossos direitos e espaços (E19. 10 N).

Em linhas gerais, as estudantes expressam que as diferenças que existem na sociedade são demarcadas de certa forma pelas relações de poder determinando os papéis sociais que cada indivíduo deveria desempenhar. Neste sentido, entendemos que as diferenças, a pluralidade e o reconhecimento de si e do outro contribuem para a constituição de personalidades e identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das concepções apresentadas observamos que as estudantes de pedagogia compreendem o gênero como uma das dimensões que compõem a identidade dos indivíduos, apesar de muitas estudantes interligarem tal aspecto com a construção da sexualidade, algo que como afirma, Louro (2011) a aproximação entre gênero e sexualidade se dá apenas quando se refere a forma como são construídos socialmente.

Nesse contexto, percebemos que essa concepção se aproxima do nosso próprio entendimento do que vem a ser gênero. Consideramos que o gênero se apresenta como um objeto social e cultural forjado nas relações entre os indivíduos, as concepções criadas pela sociedade em relação ao que é masculino e ao que é feminino, se construindo no centro das relações sociais, destacando que a constituição das feminilidades não diz respeito só às mulheres, da mesma maneira que a composição das masculinidades não se refere apenas aos homens.

É importante destacar que a universidade, enquanto espaço social de vivências múltiplas e de formação influencia diretamente no posicionamento das estudantes, visto que esse ambiente proporciona discussões, contatos com diferentes pensamentos e leituras ampliando o debate e proporcionando uma visão macro das relações de gênero. Como podemos observar em alguns relatos, “eu não sei se o fato de eu ser privilegiada de estar aqui nesse espaço da universidade que a gente vê outras pessoas, vê outras relações, e ao mesmo tempo eu vejo que essas outras formas de questionamento de contestação elas aparecem elas surgem”. (E16. 10N).

REFERÊNCIAS

FREIRE, Eleta de Carvalho. História e Gênero na História da Educação Brasileira. In: AMORIM, Roseane Maria; NETO, José Batista. **Memórias e Histórias da Educação: debates sobre a diversidade cultural no Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. In: **Revista Formação Docente**, Belo Horizonte v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25.ed. (Org.). Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeus da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e educação: há algo de novo sob o sol. In: _____. (Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.